22 ECONOMIA Expresso, 10 de dezembro de 2016

CÍRCULO DA INOVAÇÃO



Texto PEDRO MIGUEL OLIVEIRA Foto Luís Barra Infografia XOLITOS

o advento de uma

economia tipificada como sendo de partilha e de colaboração, as expectativas e as exigências dos profissionais sofrem uma profunda mutação motorizada. essencialmente, pela banalização de tecnologias que deixaram de estar acessíveis apenas a grandes organizacões. São disso exemplo as aplicações apoiadas em soluções de cloud computing; o acesso a informação extraída de sistemas de big data; a omnipresença de poderosas ferramentas de comunicação multimédia; e a facilidade do trabalho colaborativo. A estas tecnologias devemos juntar

a entrada, cada vez mais significativa, dos *millennials* na força produtiva e, claro, o surgimento de uma vaga de fundo de empreendedores que têm uma abordagem completamente diferente daquilo a que se convencionou definir como "posto de trabalho". É, aliás, essa mentalidade disruptiva da geração Z que está na base do ecossistema que criou condições para o surgimento de empresas como a Uber ou PARTILHAR IDEIAS a Airbnb. Estes jovens privilegiam a partilha, neste caso de carros e casas,

em detrimento da posse. Uma abordagem que é transposta para o local de trabalho, onde esperam encontrar estímulos à criatividade constantes e um ambiente caracterizado pelas tecnologias que usam, hoje, no dia a dia. Estas expectativas criam uma pressão sobre as organizações, que têm cada vez mais dificuldade em estimular e reter o talento de profissionais que privilegiam mais as experiências do que a segurança do posto de trabalho.

Estes são alguns dos condimentos que permitiram, também, a evolução do conceito de *coworking* — espaços de trabalho partilhados onde são disponibilizados serviços e tecnologias de apoio. Estes locais são verdadeiros centros de criatividade onde empresas

EXISTEM 7800 ESPAÇOS DE COWORKING ESPALHADOS POR MAIS DE 80 PAÍSES. LOCAIS ONDE É FÁCIL E EXPERIÊNCIAS

e empresários de áreas distintas partilham o mesmo espaço... e acabam por partilhar experiências e capacidades

num verdadeiro trabalho em rede. "Há um facto muito importante a ter em conta: o *networking* que empresas e empresários fazem em espaços de coworking. É daí que podem nascer, e nascem, ideias para novos negócios e, por exemplo, se aproveitam mais--valias. Há casos, nos nossos espaços, onde as empresas aproveitaram, por exemplo, a presença de um consultor em financiamento comunitário que os ajudou a elaborar processos de candidatura a fundos estruturais do Portugal 2020. Conheço outros casos, onde as empresas aproveitaram a proximidade de uma empresa especializada em marketing digital ou, até, dos serviços de um advogado", explica Carlos Gonçalves, CEO e Owner do Ávila Business Center, uma empresa que tem espaços de coworking no centro de Lisboa.

Portugal está a começar no coworking empresarial

O relatório "Global Coworking Census", da autoria da Deskwanted, apontava para que existissem em 2013 quase 2500 espaços de coworking em 80 países espalhados pelo mundo. Outro relatório, mais recente e da autoria da deskmag, refere que, em 2015 e 2016, esse número cresceu para os 7800. Os Estados Unidos, com 781 espaços, são



S Expresso SIC S

Selecionámos 100 pessoas entre os 25 e os 45 anos que resolvem os problemas das empresas. A nova geração de gestores

o país onde há mais escritórios deste tipo. Alemanha (230), Japão (129), Espanha (199), Reino Unido (154) e França (121) são outros dos países onde o coworking tem valores mais significativos. Portugal, segundo o Census de 2013, ocupava o 8º lugar, com 80 espaços de coworking.

"A crise que se viveu em Portugal nos últimos anos levou a que muitas pessoas criassem o seu próprio negócio e as empresas foram obrigadas a efetuar várias reestruturações com o objetivo

de racionalizar custos. O coworking assume-se com uma resposta a ambas as necessidades." Avança Carlos Gonçalves, como uma das explicações para o elevado número de espaços de coworking em Portugal. O responsável do Ávila Business Center também esclarece que apesar de o "coworking em Portugal está a dar os primeiros passos na área corporativa" já existem vários casos de empresas que recorrem a estes espaços: "A APR, por exemplo, é uma empresa que tem sede no Porto e que em Lisboa optou por estar num espaço de coworking". Lá fora, empresas como a Facebook ou a Accenture seguem lógicas de coexistência entre locais institucionais e escritórios de coworking. "A Facebook, mesmo depois de ter aberto uma sede em Boston, decidiu manter os espaços de coworking que tinha na cidade, como uma forma de manter elevados os níveis de satisfação dos funcionários que preferiam trabalhar nesses locais onde existe uma maior troca de experiências. Aliás, a Accenture, em Manhattan, Nova Iorque, tem vários espaços de coworking em localizações que permitem aos seus colaboradores manterem níveis mais equilibrados entre a vida familiar e a profissional", elabora Carlos Gonçalves, que explicou que os profissionais da Accenture passavam horas retidos no trânsito da cidade norte-americana, o que aumentava os níveis de stresse e de insatisfação.

O trabalho em rede que acontece

Expresso, 10 de dezembro de 2016

Carlos Gonçalves,

naturalmente dentro dos espacos de coworking tira partido de uma oferta tecnológica que permite aos utilizadores desses escritórios funcionar como se estivessem, fisicamente, na sede da empresa. Esteja ela em Portugal ou em qualquer local do mundo. No entanto, a racionalização de custos continua a ser o principal motivo que leva uma empresa a procurar uma solução de espaço partilhado. No entanto, os benefícios vão além dos financeiros: "As empresas acabam por perceber que os espacos de *coworking* que investem em tecnologia e no conforto estão a promover a retenção de talento e o aumento de produtividade dos funcionários", reforça o fundador do Ávila Business Center.

O coworking é apenas uma das estratégias disponíveis às empresas e aos empreendedores que se debatem com os desafios inerentes à mudança na tipificação da força de trabalho, à dificuldade de captar e reter talento, à implementação de uma cultura de inovação dentro da estrutura ou, por exemplo, à disponibilização e utilização de ferramentas tecnológicas evoluídas e essenciais aos processos de criação de valor.

poliveira@impresa.pt

CONHEÇA AS HISTÓRIAS, AS IDEIAS PARA PORTUGAL E OS DESAFIOS ULTRAPASSADOS PELOS SELECIONADOS EM www.circulodainovacao.pt

Descentralizar as operações, criar novas ligações

Cada vez mais as empresas recorrem ao outsourcing A PERCENTAGEM DE PESSOAS QUE SE ESFORÇA PARA INTEGRAR SISTEMAS DE TRABALHO EM REDE AUMENTOU Subida de 86% **152%** 2014 2015 Este crescimento e impacto está relacionado com Expansão **Fatores** Cloud económicos A INTERNET DAS COISAS VAI FAZER TODA A DIFERENÇA Atualmente existem cerca de 13 mil milhões dispositivos ligados à net, um número que pode chegar aos 30 mil milhões em 2020 **58**% **36**% Dizem que a dos executivos velocidade % já pensam nos de conversão melhores para servicos métodos partilhados para lidar vai aumentar com estas rapidamente mudanças A falta de Seguida Há **CLARO QUE** iniciativa da falta de barreiras na HÁ RISCOS é vista como inovação comunicação **INERENTES** de acordo AO PROCESSO DE barreira **IMPLEMENTAÇÃO** DO TRABALHO 49% **EM REDE** 37% 30% Dizem que o Os clientes outsourcing pedem assim mais proatividade teve algum impacto negativo para lidar com na perda o impacto destes de criatividade serviços A ADOÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE CIBERSEGURANÇA BASEADA NO COMBATE AO RISCO É IMPORTANTE O principal benefício é a capacidade de identificar e dar prioridade às ameaças de segurança mais prementes A autenticação avançada de funcionários deixará de ser apenas a utilização de password e passará por uma maior segurança interna. E já é uma realidade em 91% das empresas **59**% Das empresas Das empresas % já têm seguro contrataram para falhas uma pessoa informáticas para gerir a seguranca

o trabalhador de amanhã

Como vai ser

Com grande flexibilidade, mais tecnológico e em aprendizagem contínua. É assim que serão os funcionários das gerações vindouras

As novas tecnologias e a globalização têm mudado as atividades e criado postos de trabalho diferentes. Estas alterações acentuar-se-ão cada vez mais à medida que a evolução tecnológica avançar. Não só os funcionários serão diferentes como também as empresas vão sofrer muitas mutações. Do presente e do passado mantém-se a formação, que será cada vez mais importante e essencial para se trabalhar num mundo profissional em constante mudança.

Sofia Tenreiro, um dos 100 selecionados do Círculo da Inovação e diretora-executiva da Cisco Portugal, acredita que estas transformações se apresentam de forma diretamente proporcional tanto para as empresas como para os trabalhadores, e que advêm da "digitalização e do impacto da Internet of Things (IoT) — Internet das Coisas."

Cada vez mais há características que são essenciais a um trabalhador que queira estar atualizado e que pertença a este mundo novo que se vive. Sofia Tenreiro, habituada a viver no universo das tecnologias, assegura que "já começa a ser exigida uma grande flexibilidade, novas competências digitais, enorme curiosidade e vontade de aprendizagem contínua e capacidade de adaptação às transições." Do lado da empresa há a necessidade de acompanhar este novo perfil de trabalhador e assegurar que tem as "melhores ferramentas tecnológicas que garantam a produtividade em qualquer momento e qualquer lugar, bem como novas estratégias de integração dos colaboradores e adaptação às suas características e necessidades, sempre em mutação."

Independentemente do produto, as empresas têm de se digitalizar e entrar na rede. Caso contrário, o mais provável é que sejam engolidas por todas as outras que se estão a tornar mais fortes. Sofia Tenreiro acha que sim: "Todas as empresas estão a tornar-se empresas tecnológicas, integrando nos seus modelos de negócio tecnologia e capitalizando a IoT." Esta homogeneização da forma de trabalho significa uma "nova realidade", que muda não só o cenário que se vive, como as formas de agir e a economia, havendo uma linha comum que aparece no horizonte: oportunidade.

Isto é, uma nova economia que "gera e representa não só uma oportunidade económica para as diferentes indústrias, mas também para os próprios profissionais, através de profissões híbridas. Ou seja, a combinação das Tecnologias de Informação (TI) com as diversas áreas — algumas delas até mais tradicionais, como a agricultura —, dando lugar a profissões na bioengenharia, informática das redes elétricas, desenvolvimento de aplicações digitais, sociais e de media, telemedicina, sistemas de ensino remoto ou desenvolvimento de aplicações inteli-

destes

FONTES: PWC, Accenture, KPMG, Deloitte e Ernst&Young

mecanismos

de trabalho

O PERFIL ESSENCIAL DO EMPREGADO DO FUTURO

Adaptabilidade

Tem de saber viver em constante mudança. Ser curioso e, acima de tudo, ter uma constante vontade de melhoria pessoal e da empresa. O posto de trabalho físico pode ter os dias contados e por isso tem de saber funcionar em diversos ambientes. A adaptabilidade é essencial para um trabalhador do futuro.

Digital

As novas tecnologias, a internet das coisas são pontos centrais em qualquer área de negócio. O trabalhador terá de estar atento às novas oportunidades que surgem desta realidade. Saber trabalhar em rede vai ser uma vantagem em qualquer profissão, mesmo nas mais tradicionais, porque um dia toda a economia se tornará digital.

Atualizado

A internet veio impor mudanças diárias e muito assinaladas em todas as profissões. O trabalhador do futuro vai ter de apostar ainda mais no conhecimento e aprender e treinar novas capacidades a uma velocidade vertiginosa. De forma a não ser ultrapassado. A base do sucesso será cada vez mais a formação.

gentes para edifícios, transportes, energia ou produção."

No fundo, são redes que se criam dentro da rede da internet e das empresas. Se atualmente esta nova realidade começa a ser um ponto central das empresas, no futuro a mudança ainda vai ser mais assinalada.

Sofia Tenreiro baseia-se num estudo do World Economic Forum para fundamentar esta transformação. E explica: "65% das crianças que estão agora a entrar no ensino primário acabarão a trabalhar em profissões que ainda não existem." Por tudo isto, terá de haver uma adaptação não só daqueles que já se movem no mundo profissional como dos que estão a preparar o futuro. Esta realidade não é novidade. mas agora acontece de forma cada vez mais célere.

A diretora da Cisco Portugal fala ainda num ponto que sempre foi necessário e nunca deixará de ser: a formação. "Naturalmente, a criação de emprego deverá passar também pela formação e adequação da atual força de trabalho para os empregos do futuro. Deste modo, a digitalização significa a criação de novas profissões e uma oportunidade de treinar os cidadãos para novas capacidades e levá-los até às profissões corretas para o futuro."

A aposta no conhecimento e na atualização nunca foi tão necessária. Porque o mundo nunca mudou tão rápido.

ANA MARIA PIMENTEL economia@expresso.impresa.pt